

Mensagem inaugural do professor Elísio Macamo na sessão de abertura do doutoramento

Boa noite,

Gostaria de começar por dar os meus parabéns ao Bruno Reis e aos demais colegas pela iniciativa deste doutoramento. Não é por ter sido convidado a fazer parte do empreendimento, mas devo dizer que se trata duma iniciativa bastante oportuna. Agradeço ao Bruno Reis a oportunidade que ele me deu de poder dar a minha contribuição.

No dia 3 de Setembro deste ano, o jornal Diário de Notícias, de Lisboa, publicou um artigo com o seguinte título: “Cientistas sem explicação para poucas mortes por covid-19 em África”. Fiquei perplexo. O que é que o jornal lamenta? O jornal lamenta a ausência de explicação da parte dos cientistas ou o facto de haver poucas mortes por covid-19 em África? Imagino que a reacção de muitos aqui corresponda à primeira hipótese: o facto de os cientistas não terem explicação.

Contudo, o mundo em que vivemos e, especialmente, quando ele é vivido a partir duma certa condição existencial – por exemplo, a condição de ser africano ou não ocidental – torna também plausível a segunda hipótese, a saber, o facto de os africanos não estarem a morrer como devia ser. Isto é, o que dizemos não é inocente. É sempre documento do mundo num contexto em que o mundo não é apreendido necessariamente da mesma maneira.

Todos conhecemos a noção de “sociedade de informação e de comunicação”. Todos conhecemos o papel que essa noção tem desempenhado na descrição do mundo em que vivemos, de quem perde e ganha nesse mundo, mas também, e acima de tudo, do que ela diz sobre quem somos e o que poderemos ser.

Nunca houve, na verdade, nada de particularmente inovador nessa noção. As sociedades humanas foram, desde sempre, sociedades de informação e de comunicação. O que é, talvez, diferente, é toda a panóplia de artefactos tecnológicos que hoje usamos para a afirmação da nossa condição de sociedades de informação e de comunicação. Hoje tudo é mais rápido, menos intransparente do que já foi e, talvez, mais democrático no acesso e distribuição. Por causa disso, o fenómeno comunicativo – permitam-me usar esta feliz expressão de Bruno Reis – está muito mais presente no nosso quotidiano como uma espécie de moeda. Ele assume o papel que Georg Simmel, o sociólogo alemão, atribuiu ao dinheiro na sua grande obra “A filosofia do dinheiro”.

Tal como o dinheiro em Simmel, o fenómeno comunicativo hoje é a “aranha que tece a teia social”, isto é, ele é símbolo e causa de tudo, compara, relativiza e aliena. Da mesma forma que com o dinheiro tudo pode ser trocado com tudo porque recebe uma medida de valor idêntica, há sempre um nivelamento que ocorre ao mesmo tempo. O acesso a e uso da informação, tal e qual o dinheiro, constitui a vitória da quantidade sobre a qualidade, dos meios sobre os fins como podemos ver na maneira como as famosas “fake news” dão poder à credulidade e, por isso, põem em causa o monopólio da razão sobre a verdade. Viver hoje, mais do que nunca, é estar informado, é trocar informação e, em última instância, ser capaz de explicar o que a gente faz com recurso à informação. As redes sociais são, por assim dizer, as bolsas de valor desta moeda preciosa do nosso tempo.

Apenas o que tem valor de informação é que é valioso hoje, mas o trágico é que esse valor não reside necessariamente na coisa em si, mas sim no que acontece com ela na sociedade. A informação hoje dita as nossas necessidades, controla-nos em vez de nos aliviar e simplificar

as nossas vidas. O fenómeno comunicativo tornou-se no denominador comum de todos os valores, ele esvazia o cerne das coisas, a sua incomparabilidade, aquela distinção que ainda fazia sentido fazer entre leigo e especialista, académico e não-académico, autoridade e ignorante, etc.

É difícil não chegar à uma conclusão completamente oposta ao que Alvin Toffler sugerira há décadas: “o analfabeto do século XXI não será aquele que não vai saber ler ou escrever, mas sim aquele que não vai saber aprender, desaprender e voltar a aprender”. Não é verdade. O analfabeto do século XXI é aquele que não consegue escapar à sedução do fenómeno comunicativo e sua insistência numa verdade relativa. A informação, outrora tida como auspício da emancipação humana, transformou-se numa grande jaula de aço que condiciona a nossa liberdade. Cada vez mais somos a informação que consumimos. Cada vez mais vale a máxima “diz-me que informação tu consumes, dir-te-ei quem tu és”!

A oportunidade deste curso funda-se justamente nisto. Se queremos entender a sociedade em que vivemos precisamos de saber como o fenómeno comunicativo se constitui, pois é nesse processo que a sociedade também se constitui. Tenho em mim que o elemento central disso é a ideia básica que podemos, em ligeira adaptação duma máxima linguística de John Searle, filósofo da linguagem americano, formular da seguinte maneira: o fenómeno comunicativo é o que conta como informação num determinado contexto. Dito doutro modo, como é que a sociedade constitui coisas como informação, isto é quando é que certas coisas se transformam em veículos de informação e em que contextos essa transformação se torna eficaz.

Por exemplo, a perplexidade do título do jornal Diário de Notícias manifesta-se através da forma como a incerteza científica – o facto de a covid-19 estar a ter, aparentemente, outros efeitos em África – se traduz num comentário sobre como o que sabemos sobre ciência é também um reflexo da desigualdade no mundo. O fenómeno comunicativo nesse título não é o que a ciência não sabe. Não é a incapacidade da ciência de explicar porque um saber tido como sendo universal dá mostras de não ser suficiente para explicar anomalias no sentido Kuhniano do termo. O fenómeno comunicativo é a naturalização da condição subalterna do continente africano, para onde se olha com o horror estampado nos olhos de tal maneira que quando este não se materializa, isto é, quando o horror não se materializa, ficamos todos perplexos, mesmo eu também. Um título tao inocente como este constitui, assim, um convite a um olhar mais demorado sobre como o mundo, no seu todo, se constitui. Esta é para mim a importância deste doutoramento.

Gostaria de terminar com um reparo sobre o nosso curso. Trata-se dum doutoramento em media e sociedade no contexto da comunidade dos países de Língua Portuguesa. “Comunidade dos países de Língua Portuguesa” é em si um fenómeno comunicativo que, espero, vai merecer a nossa atenção crítica ao longo do doutoramento.

Desejo sucessos a todos nós e, mais uma vez, os meus parabéns ao Bruno Reis pela iniciativa fantástica!

Muito obrigado.